

Redes transnacionais entre famílias de imigrantes italianos (Itália, Brasil e Argentina, séculos XIX e XX)

Transnational networks among families of Italian immigrants (Italy, Brazil and Argentina, 19th, and 20th centuries)

Marinilse Candida Marina¹, Máira Ines Vendrame²

Como citar esse artigo. MARINA, M. C.; VENDRAME, M. I. Redes transnacionais entre famílias de imigrantes italianos (Itália, Brasil e Argentina, séculos XIX e XX). **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 14, n. 2, p. 148-161, mai./ago. 2023.

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar o movimento de grupos de imigrantes italianos (friulanos) e seus descendentes entre a Itália e países da América do Sul (Brasil e Argentina), entre os séculos XIX e XX. Para isso, utilizamos a reconstrução de genealogias e redes parentais de algumas famílias que se encontravam em diferentes lugares, a partir dos contatos e vínculos existentes entre elas. Os sobrenomes são usados como fios condutores para reconstruir os percursos familiares de imigrantes originários do Friuli, norte da península itálica, que, nas duas últimas décadas do século XIX, estabeleceram-se no Rio Grande do Sul. Os deslocamentos deram vida a uma complexa teia parental composta por camponeses e artesãos que se expandiu até Mar del Plata (Argentina). Utilizaremos como fontes: cartas, registros paroquiais, cartoriais e cartão postal. A análise de tais documentos será conduzida pela metodologia da micro-história italiana, que toma o método onomástico e o estudo de experiências particulares como fios condutores para compreensão de processos históricos mais gerais.

Palavras-chave: Imigração italiana; genealogias; redes; famílias; trabalho.



Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Abstract

This article, based on a case study, aims to analyze the movement of groups of Italian immigrants (Friulians) and their descendants between Italy and South American countries (Brazil and Argentina), between the 19th and 20th centuries. For this, we used the reconstruction of genealogies and parental networks of certain families that were in different places and their displacements, from the contacts and links existing between them. Surnames are used as guiding threads to reconstruct the family paths of immigrants from Friuli, north of the Italian peninsula, in the last two decades of the 19th century settled in Rio Grande do Sul, and gave life to a complex parental web, made up of peasants and artisans, who expanded to Mar del Plata (Argentina). We will use as sources: letters, parish registers, notaries, and postcard. The analysis of such documents will be conducted using the methodology of Italian microhistory, which takes the onomastic method and the study of particular experiences as guiding threads for understanding more general historical processes.

Keywords: Italian immigration; genealogies; networks; families; work.

Introdução

No presente artigo analisamos os movimentos de alguns grupos familiares de italianos e seus descendentes, em um estudo de caso, principalmente da parte ocidental da região do Friuli¹ Venezia Giulia, localizada a nordeste da Itália, que emigraram para o Brasil meridional. Selecionamos a família Filippon e suas ramificações que, a partir das últimas décadas do século XIX, se estabeleceram no Rio Grande do Sul, na localidade de Dona Isabel, região de colonização italiana a nordeste do território da província. O estudo

¹Para um trabalho mais aprofundado sobre os movimentos de imigrantes friulanos e seus descendentes na América Latina, ver: MARINA, Marinilse Candida. *Marito e buoi dei paesituo: estratégias familiares de friulanos na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul (1880-1964)*. Editora Schreiber, 2022.

Afiliação dos autores:

¹Doutora em História. Bolsista CNPq de Pós-Doutorado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

²Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Mestre e Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPQ – Nível 1.

* Email de correspondência: marinilsemarina@gmail.com

Recebido em: 03/04/2023. Aceito em: 21/07/2023.

se constituiu enquanto análise de casos específicos como perspectivas para levantar problematizações sobre questões mais gerais a respeito de circuitos migratórios transnacionais, esclarecendo as estratégias adotadas pelas famílias imigrantes entre as últimas décadas do referido século e início do XX.

Apresentaremos aspectos ligados às práticas sociais, dinâmicas e características que orientaram o movimento migratório dos friulanos em direção ao sul do Brasil, procurando entender como foi a adaptação do grupo no contexto de chegada e de que modo novas mobilidades foram pensadas e articuladas. Ao partirem da Itália, as famílias migrantes carregavam consigo identificações locais e regionais, não partilhando de sentimentos de pertencimento nacional, uma vez que o Estado italiano recém-unificado ainda não havia constituído suas bases sociais, políticas e simbólicas entre as populações que viviam no campo.

É importante frisar que a presença de imigrantes friulanos no território do Império brasileiro tem sua primeira fase em 1877 e vai até a década de 1890, com a instalação de grupos nas províncias do Espírito Santo (colônia Santa Cruz, depois conhecida por Ibirapu) e de Santa Catarina (Rio Maior e Urussanga). No Rio Grande do Sul, as principais áreas de recebimento da população originária do Friuli foram as colônias: Silveira Martins, Caxias do Sul, Alfredo Chaves, Conde D'Eu e Dona Isabel (GROSSUTTI, 1995). Eles chegaram à Província, no período que marca o início da imigração italiana em massa ao Brasil, a década de 1870, com a fundação de áreas de colonização, especialmente em províncias do sul do Império².

A antiga colônia Dona Isabel – atual município de Bento Gonçalves – recebeu os primeiros moradores em 1875, porém, neste estudo, interessa apenas uma parcela dos imigrantes italianos originários do Friuli que se fixaram na localidade de Linha Zamith³, que fazia parte da colônia citada, distando cerca de 20 km da sede. Com a emancipação política de Dona Isabel/Bento Gonçalves, a então localidade nomeada como Linha Zamith, tornou-se Montebello. Deste território, duas linhas⁴ coloniais vizinhas, Argemiro e Santa Bárbara, foram povoadas majoritariamente por imigrantes provindos do Friuli Ocidental (FO), ocupando Montebello, que se tornou município em 1992, sendo renomeado como Monte Belo do Sul.

Para as regiões de colonização europeia fundadas no Rio Grande do Sul, a imigração italiana se caracterizava como familiar e visava à ocupação de lotes de terras coloniais. O objetivo principal foi garantir o controle de territórios por meio da produção agrícola, motivo pelo qual houve, por parte do Império do Brasil, investimento em propaganda na Europa, auxílio para o deslocamento transatlântico, apoio para fixação das famílias nas novas terras e incentivo para que iniciassem o cultivo de alimentos, com prazos extensos e facilidades para que pudessem pagar pelas áreas recebidas. Visando ocupar núcleos coloniais fundados principalmente em terras públicas na parte nordeste, a imigração italiana, para o Rio Grande do Sul, objetivava fixar agricultores em lugares onde a demografia era baixa ou inexistente. Para o Estado de São Paulo, os italianos se dirigiam para as fazendas de café afim de atender às demandas de trabalhadores por parte dos cafeicultores, tendo em vista as dificuldades com relação à mão-de-obra escrava e o fim da escravatura. Já os que tinham como destino os Estados do sul do Brasil, o objetivo foi de se tornarem proprietários de terras e incrementar a produção agrícola de alimentos.

Atender as demandas por mão de obra branca nos cafezais, devido ao fim do tráfico negreiro (Lei Eusébio de Queirós, de 1850) e à abolição da escravatura (Lei Áurea, de 1888), bem como a política de branqueamento da população, são aspectos que devem ser considerados para se entender o estabelecimento de imigrantes europeus em São Paulo na segunda metade do século XIX⁵. Terras poderiam ser compradas pelos estrangeiros após alguns anos de trabalho nas lavouras, porém, essa possibilidade era

² O período da “Grande Emigração” italiana para o Brasil começa na década de 1870 e vai até 1914, sendo mais intenso nas últimas décadas do século XIX para estados do sul do Brasil e São Paulo.

³ Linha Zamith é o nome antigo de Monte Belo do Sul. Entre a bibliografia que analisa fundamentalmente os friulanos em Monte Belo do Sul, além dos livros e álbuns comemorativos da imigração italiana no estado, encontra-se a obra de Leonir Razador, *Povoadores e História de Monte Belo do Sul: de Zamith a Monte Belo do Sul* (2019). É importante destacar que em Monte Belo do Sul, encontra-se também uma linha denominada como Zamith.

⁴ A área destinada aos italianos teve a divisão feita a partir da aplicação de dois tipos de linhas: as léguas (demarcadas no sentido longitudinal) e os travessões (demarcados no sentido vertical). Analisando esse sistema de demarcação de terras usado nas colônias imperiais do Rio Grande do Sul, as linhas não consideravam os fatores naturais, pois elas projetavam-se a partir de locais previamente definidos para serem núcleos administrativos das colônias (GIRON, 1992; RÜCKERT, 2013).

⁵ Sobre a presença italiana nas fazendas de café paulistas e a importância da política de branqueamento do Império do Brasil nas últimas décadas do século XIX, ver: ALVIN, 1986; VANGELISTA, 1991; TRUZZI, 2021.

dificultada à população egressa da escravidão (GONÇALVES, 2012, p. 143). O fim do sistema escravocrata de produção possibilitava o pagamento de salários aos ex-cativos, para que permanecessem trabalhando nos cafezais, o que resolveria o problema da mão de obra, mas não o problema de inseri-los na dinâmica de progresso e desenvolvimento econômico (BALBINOT, 2014, p. 30).

Mesmo antes do início da grande emigração italiana para o Brasil⁶, os deslocamentos sazonais ou temporários na Itália eram frequentes, envolvendo especialmente pessoas das regiões de montanha para as planícies. As migrações de curta ou longa distância, como as que tinham como destino outras partes da Europa, proporcionavam o aperfeiçoamento e/ou o aprendizado de novos ofícios, bem como a possibilidade de exercer algum tipo de trabalho. Aqueles que migravam temporariamente para além das fronteiras da península itálica tinham como destino principal a parte central da Europa, onde dedicavam-se a ofícios como o de construtores, vendedores, operários etc. (GROSSUTTI, 2018). Os friulanos inicialmente fixados na serra Riograndense provinham essencialmente de locais montanhosos, sendo em sua maioria camponeses que desempenhavam o ofício de artesãos, incluindo ferreiros. Abandonaram uma região caracterizada pela fronteira entre o Império austríaco e a Itália, espaço marcado por invasões e mesclas culturais. E, como mencionado, a cadeia montanhosa do Friuli se caracterizava por uma cultura da mobilidade sazonal e temporária.

Diferentemente da planície, nas áreas de montanha prevalecia a pequena propriedade, sendo os deslocamentos em determinados períodos do ano fundamentais para a manutenção de um modo de vida camponês, que garantia a não desintegração do grupo familiar. Os lugares majoritariamente interessados nas migrações sazonais para os países do centro da Europa eram os que apresentavam “uma fisionomia mais evoluída e onde os habitantes demonstravam as mais altas taxas de alfabetização” (GROSSUTTI, 2018, p. 30). Esse é um dado importante para compreender a propagação das informações entre os grupos de famílias friulanas que decidiram pelo deslocamento para América Latina. Os sujeitos que analisamos partiram de locais marcados por tais aspectos, principalmente dos *comuni* de Frisanco, Maniago e Poffabro.

Os pequenos proprietários seriam os primeiros prejudicados pela crise agrária que a península itálica enfrentava na segunda metade do oitocentos, conforme destaca Emilio Franzina (2006, p. 39). Esse seria um dos principais motivos que os levaram a tomar o caminho para a América, na esperança de melhorarem a situação econômica e social. Nesse sentido, os primeiros grupos que emigraram para o Estado sul-rio-grandense do Brasil não eram os mais pobres, mas os arrendatários, pequenos proprietários e produtores que se viam impossibilitados de resistir às crises conjunturais. A decisão de partir surgia como uma escolha frente ao aumento das dificuldades de manter as famílias unidas, trabalhando nas mesmas terras e morando sob o mesmo teto, de garantir a reprodução social camponesa e contra a desestruturação das bases tradicionais que regulavam a vida nas comunidades rurais (VENDRAME, 2016). Aos fatores econômicos e demográficos se somavam outros de ordem religiosa, social, cultural e política: o temor em relação às doenças, carestias e fome, além do desejo de se tornarem proprietários de terras, algo que poderia ser alcançado apenas longe da Itália.

A emigração sinalizava como uma possibilidade, talvez a única, de camponeses se tornarem donos das próprias terras. Como destaca um imigrante italiano em carta aos familiares: “lá [na Itália] éramos servos, aqui somos senhores” (VENDRAME, 2007). Para os artesãos, era uma escolha que oportunizaria um campo para exercer diversos ofícios. A expectativa de ser proprietários de terras, atraía as famílias que viviam no campo e também os que desempenhavam atividades artesanais, além das agrícolas. Como já ressaltado, o deslocamento transatlântico permitiria que as famílias se mantivessem unidas, algo cada vez mais difícil em uma Itália recém-unificada.

⁶Emílio Franzina (1984) divide os fluxos migratórios italianos na seguinte cronologia: o primeiro período anterior a 1876; O segundo período, de 1876 a 1886; e o terceiro período, de 1887 a 1901. Esses três primeiros períodos são os mais significativos no contexto migratório da Itália para o Rio Grande do Sul. (FRANZINA, 1984 apud BUOSI; NICOLETTI, 1999).

Redes friulanas em Monte Belo do Sul

No presente artigo analisamos as redes constituídas entre imigrantes friulanos que se fixaram em uma região de colonização italiana do Rio Grande do Sul, que é Monte Belo do Sul, bem como sua extensão para a Argentina. Os nomes/sobrenomes dos imigrantes se tornam fio condutores, uma vez que possibilitam a localização de homens e mulheres em diferentes fontes, servindo como indicador a ser seguido para mapear os contatos e a constituição das redes entre pessoas que se encontram distantes ou próximas geograficamente. Carlo Ginzburg e Carlo Poni (1989) defendem que o nome dos sujeitos pode se tornar o fio condutor através do qual o pesquisador encontra informações numa série documental diversa. O método onomástico surge, portanto, como uma escolha válida em análises que optam por reconstruir percursos, mapear dinâmicas e escolhas, ou ainda acessar contextos diversos.

Os percursos e situações aqui estudados apontam para a organização étnico-regionalista dos friulanos, bem como a conexão entre eles, apesar das distâncias entre os locais de fixação (Itália, Rio Grande do Sul e Argentina). Pensando nas migrações, de acordo com Tilly (1978 apud TRUZZI, 2008), elas podem ser classificadas em pelo menos quatro: as locais, que correspondem aos deslocamentos dos indivíduos a um mercado (podendo ser de terra ou matrimonial) que normalmente já é familiar; as circulares, que são os deslocamentos por tempo determinado, retornando ao ponto de origem após um período; as de carreira referem-se à mobilidade devido a oportunidades oferecidas por uma organização de pertencimento ou associadas à profissão já desempenhada; e, por fim, as em cadeia. Essas últimas acontecem em função de uma série de informações fornecidas por parentes e/ou conhecidos já emigrados.

As famílias em análise se encontram em três dessas categorias: 1) locais, pois existia o mercado tanto de terras quanto de trabalho e matrimonial; 2) as de carreira, que se apoiava em uma estrutura familiar que oportunizava trocas de saberes profissionais; 3) as em cadeia, devido à troca constante de informações com o ponto de partida. Também houve uma migração circular, que não significou o retorno para a Itália, mas o deslocamento para outros locais das Américas.

É preciso ainda diferenciar redes migratórias e migrações em cadeia. Essa última marcou o desenvolvimento dos fluxos migratórios da Europa para diferentes lugares da América do Sul no oitocentos, sendo ocasionada pela saída de grupos de indivíduos de um mesmo local para outro de instalação. Um exemplo são os trabalhadores que migram a partir do chamado de conhecidos, para atender a demandas de serviços específicos (TRUZZI, 2008; VENDRAME, 2016). O termo foi criado por pesquisadores australianos, que o definiam como “o movimento pelo qual migrantes futuros tomam conhecimento das oportunidades de trabalho existentes, recebem os meios para se deslocar e resolvem como se alojar e como se empregar inicialmente por meio de suas relações sociais primárias com emigrantes anteriores” (MACDONALD, J.; MACDONALD, L., 1964, p. 82 apud TRUZZI, 2008, p. 202).

As redes migratórias são marcadas por laços interpessoais que ligam as pessoas – migrantes ou não – nas áreas de origem e de destino. Elas possibilitam o agrupamento de indivíduos ligados entre si por laços diversos, seja parental, afetivo ou profissional. De qualquer modo, os termos cadeias e redes, em suas acepções mais restritas ou abrangentes, procuram sublinhar a circunstância de que muitos decidiam emigrar após informar-se previamente das oportunidades (e dificuldades) com imigrantes anteriores, seja por carta⁷, seja quando retornavam. Esses podiam prover tanto informações quanto emprego e alojamento, ajudando com recursos por meio de remessas monetárias que viabilizavam a viagem. Cabe, nesse sentido, sublinhar o papel ativo dos emigrados na sociedade de origem, de modo a influenciar o comportamento de novos migrantes potenciais, estimulando ou refreando projetos, expectativas e investimentos futuros.

Por meio das cadeias e redes migratórias, a comunicação e os vínculos entre os locais de partida e os de chegada são mantidos. Adota-se para este enredo o conceito de rede, uma vez que possibilita pensar a manutenção dos contatos e o reforço dos laços entre imigrantes de origem friulana que se encontravam em lugares distintos. O contato viabilizava novos deslocamentos, circulação de informações e apoios.

⁷Vendrame, no artigo “Com tinta do meu sangue: redes e mobilidades através das cartas de um imigrante italiano” (2017), analisa as cartas do imigrante Paulo Rossato, provindo de Valdagno, província de Vicenza, e instalado na colônia Caxias, aos parentes na Itália. Nas correspondências, o imigrante relata as condições de vida no Brasil, instruindo e chamando parentes e amigos para a nova emigração.

As famílias analisadas cujos sobrenomes conduzem o fio da investigação, partiram do Friuli Ocidental, especialmente dos *comuni*⁸ localizadas no território provincial de Pordenone⁹ (que pertencia a Udine no momento da emigração para o Brasil), portanto, selecionamos a família Filippon e seus conterrâneos, como os sobrenomes De Cecco, Tramontina e Filippi¹⁰ provindos da *comune* de Frisanco, sendo que deste território destaca-se a *frazione*¹¹ de Poffabro, cujo nome significa “campo dos ferreiros”. Enquanto a *comune* de Maniago¹² também é marcada por uma forte tradição ligada ao trabalho manual com ferro. Os núcleos que conduzem a pesquisa provêm do Friuli Ocidental, especificamente dos mencionados vilarejos, compostos por artesãos e camponeses por tradição que realizavam migrações sazonais na Europa antes de emigrarem para o Rio Grande do Sul. Neste lugar, reproduziram uma vizinhança que remontava àquela dos vilarejos de origem, adquirindo lotes de terras logo após a chegada, devendo esses serem pagos após cinco anos do estabelecimento das famílias.

Em Monte Belo do Sul, os friulanos se instalaram entre 1880 até o ano de 1900. No lugar, a Linha Argemiro passou a abrigar 51 proprietários de lotes¹³, sendo que 40 deles eram oriundos do Friuli Ocidental; já a linha vizinha, Santa Bárbara, do total de 60 famílias, 31 provinham da região do Friuli Ocidental. Instalados nas novas terras, os imigrantes procuravam reproduzir os vínculos com o lugar de origem.

Tecendo as teias parentais

As famílias em foco acionaram estratégias quando da tomada da decisão de emigrar para o Rio Grande do Sul. Por meio das redes que possuíam buscaram garantir maior segurança para que determinados projetos fossem realizados. A instalação de friulanos nas mesmas linhas coloniais, bem como a realização de determinadas atividades profissionais, indica para uma organização e comunicação entre os sujeitos. As famílias Filippon, De Cecco, Tramontina e Filippi possuíam ferrarias e, associadas a outros núcleos familiares de conterrâneos, expandiram seus negócios para diversos setores, investindo em moinhos, oficinas de carpintaria etc.

Os friulanos nas linhas coloniais de Argemiro e Santa Bárbara, no Rio Grande do Sul, eram responsáveis pela produção artesanal de facas, ferraduras para cavalos e outros materiais indispensáveis tanto ao que tange o desenvolvimento agrícola, quanto ao transporte do período que se dava nas colônias por tração animal. Ou seja, os ferreiros eram de certa forma dinamizadores da economia rural. Ainda, sublinha-se que as regiões montanhosas da Itália se destacam pelo desenvolvimento de ofícios artesanais para além do uso do ferro, como, por exemplo, a habilidade na extração da madeira e pedras, como o mármore¹⁴.

Nesse sentido, o presente trabalho se aproxima dos estudos que abordam a imigração italiana qualificada, como a artesã, e às estratégias acionadas pelos grupos para manter coesão local e regional. Pensar o papel da endogamia e da consanguinidade nessa questão é importante, pois não costuma ser

⁸ *Comune*, no plural *comuni*, traduzindo para a língua portuguesa equivale a município.

⁹ Para compreender o local de partida dos sujeitos centrais da análise, aprofunda-se a descrição da região denominada Friuli. No momento da partida, o território fazia parte de Udine. Com a divisão do espaço e consequentes mudanças de nomenclatura, passou a corresponder à província de Pordenone, que se refere ao Friuli Ocidental (FO). Pordenone foi uma das quatro antigas províncias administrativas, assim como Udine, Trieste e Gorizia, suprimidas em 2017, mas continua marcando “geograficamente” a localização dos *comuni* situados na região denominada Friuli Venezia Giulia (FVG).

¹⁰ Nos arquivos italianos, encontrou-se majoritariamente o registro Filippi; já no Brasil, a documentação registra Filippi-Chiella, provavelmente incorporando um apelido usado para distinguir os ramos da família, tradição que faz parte da cultura friulana, por se tratar de muitas famílias com casamentos entre si. De qualquer modo, optou-se pela forma mais recorrente registrada nos documentos civis italianos: Filippi.

¹¹ *Frazione*, *frazioni* no plural, significa uma fração, um pequeno espaço que é interligado a uma *comune*, um município.

¹² Vale salientar que Poffabro pertenceu a Maniago até 1810, e Maniago, a Frisanco. Portanto, alguns registros de cunho civil apresentam a denominação ora como *comune* de Maniago, ora como Frisanco. Exceto a família Tramontina, cujo ramo analisado é especificamente de Poffabro, a origem do restante das famílias é destes outros vilarejos, porém todos vizinhos e apresentando redes de compadrios desde período anterior a emigração para o Brasil.

¹³ Giovanni Mezzarobba, Antonio Tramontina e Luigi Santin são proprietários de mais de um lote.

¹⁴ Nesta linha de estudos ver: De Ruggiero (2020).

discutida nas pesquisas que abordam à colonização italiana no Rio Grande do Sul¹⁵.

Sobre o tema dos laços matrimoniais no FO¹⁶, em momento anterior à emigração para o Brasil, o etnógrafo Alessio Fornasin (2011) explana sobre os padrões matrimoniais friulanos – endogâmicos e exogâmicos¹⁷ – resultantes de fatores relacionados à preferência e à oportunidade. Destaca: (1) Mercado de casamento: os níveis de endogamia de muitas comunidades pequenas eram causados pelo seu isolamento, mesmo em situações em que a mobilidade era livre, sendo que certos grupos tinham uma maior propensão para casamentos exogâmicos; (2) Normas sociais da época: entre elas, estavam escolhas impostas pela família e por parentes, condições impostas pelo Estado e pela Igreja, fatores como idade ou casamentos entre viúvos; (3) Práticas fundiárias e de sucessão: casamentos endogâmicos teriam sido encorajados para garantir que a comunidade em geral ou as relações consanguíneas não fossem privadas dos dotes das noivas, além da posse de propriedade, pressupondo sedentarismo associado a baixos níveis de exogamia; (4) Ocupação: os ofícios também teriam tido um papel predeterminante na formação de um casamento exogâmico, já que pessoas com ocupações enraizadas nos locais viajavam menos do que aquelas que se moviam regularmente.

Assim, as pessoas com mais probabilidade de casarem dentro da comunidade dos pais eram os filhos de agricultores e pequenos produtores (WALL, 1996; RABINO-MASSA, 2005 *apud* FORNASIN, 2011, p. 3). Dessa forma,

“a combinação desses fatores econômicos, sociais e culturais tem importantes consequências de uma natureza biodemográfica”. Os “altos níveis de endogamia estão associados com alta consanguinidade, o que é peculiar às populações fechadas e reprodutivamente isoladas como aldeias de montanha (...), populações de elites locais (...)” (FORNASIN, 2011, p. 3).

Os aspectos apresentados por Fornasin (2011) sobre o cotidiano de grupos montanhosos no Friuli está diretamente ligada aos núcleos em análise, uma vez que também eram provenientes do FO e registrados como agricultores. Através do isolamento, o referido autor justifica os matrimônios, bem como a necessidade de manutenção da posse da terra. Preferimos, entretanto, defender nesta análise, que eram grupos localizados em pontos de difícil acesso, mas não isolados, uma vez que apesar de agricultores, as migrações sazonais eram uma das características que marcavam a vida dos homens¹⁸ friulanos. De qualquer forma, a explicação do isolamento não cabe para justificar os casamentos endogâmicos entre os imigrantes do FO no Rio Grande do Sul. Famílias provenientes de outras partes da Itália viviam próximas e, em muitos casos, eram vizinhas, não sendo, portanto, a questão do isolamento uma justificativa para explicar os casamentos entre pessoas que vinham de um mesmo local e/ou família da península itálica.

A intenção é seguir a rede de relações desde o Friuli Ocidental, passando pelo Rio Grande do Sul até Mar del Plata, Argentina. No Quadro 1 abaixo, apresentamos alguns matrimônios cujas redes são fundamentais para compreender a complexidade das migrações que ocorreram posteriormente ao estabelecimento dos friulanos no território sul-rio-grandense. Destacamos os integrantes da família de *Domenico Filippon e Catterina Franceschina*. Dos cinco filhos, três homens e duas mulheres, destacamos o matrimônio de *Davide Filippon com Anna Maria Filippi Tomè*, o terceiro na ordem, cuja parte da prole, posteriormente, migrou para a Argentina.

¹⁵ Nesta direção destacam-se os trabalhos de Maria Silvia C. Beozzo Bassanezi (1990) e Altiva Pilatti Balhana (1986).

¹⁶ Friuli Ocidental.

¹⁷ Casamento de um indivíduo com um membro de um grupo estranho àquele a que pertence.

¹⁸ Especificamos “homens friulanos” pois para o período estudado as migrações sazonais eram predominantemente masculinas.

Quadro 1. Prole do casal Domenico Filippin e Catterina Franceschina

Primeiros imigrantes		Domenico Filippin e Catterina Franceschina					
Origem das famílias		Frisanco					
Filhos	Nascimento	Padrinhos e/ou testemunhas	Matrimônio	Cônjuge	Nascimento do cônjuge	Descendência do cônjuge	Padrinhos / testemunhas
Gabrielle Angelo Filippin	Frisanco (prov. em 1848)	—	Frisanco (19/03/1880)	Lucia Beltrame	Frisanco	Friulana	Antonio De Carli e Pietro Roman
Oswaldo Filippin	Frisanco (1854)	—	Frisanco (06/04/1882)	Maria Filippi	Frisanco	Friulana	Pietro Roman e Pietro Marcolina
Davide Filippin	Frisanco (prov. em 1858)	—	Frisanco (18/02/1883)*	Anna Maria Filippi Tomè	Frisanco	Friulana	Luigi Tonello e Pietro Roman
Maria Filippin	Frisanco (aprox. em 1860)	—	Dona Isabel (1888)	Antonio Roman Ross	Frisanco	Friulana	—
Rosa Filippin	Frisanco (prov. em 1866)	—	Dona Isabel (1888)	Carlo Santin	Mezzomonte, Polcenigo (prov. em 1865)	Friulana	—

* Os dados estão de acordo com o registro civil de Frisanco. Existe informação familiar de que o matrimônio religioso ocorreu em 04 de março de 1883, mas optou-se por manter a data da fonte oficial encontrada.

Legenda: aprox. - aproximadamente; prov. - provavelmente.

Fonte: Archivi di Stato di Udine; Registros civis do cartório de Monte Belo do Sul.

Pelos registros encontrados, Domenico Filippin era filho de Giacomo Filippin e Domenica Bernardon. Já sua esposa, Catterina, era filha de Giovanni Franceschina e Rosa Della Zana. Todos eles nascidos em Frisanco. No Quadro apresentado acima, observa-se que dos cinco filhos do casal Domenico e Catterina, três casaram-se em Frisanco, inclusive dentro de uma rede parental. Os dois filhos que contraíram matrimônio na província brasileira do Rio Grande do Sul também se casaram com friulanos, variando apenas numa situação a *comune* de nascimento do cônjuge de Rosa Filippin.

Os registros obituários indicam que Domenico Filippin e Caterine Franceschina faleceram no Brasil. Ele, em 30 de setembro de 1903, aos 81 anos de idade, no então município de Bento Gonçalves (ex-Colônia Dona Isabel). O casal havia chegado na década de 1880 à região colonial e em companhia dos cinco filhos, sendo todos os padrinhos destes de origem friulana. Dos matrimônios que aconteceram em Frisanco, os padrinhos eram igualmente da mesma *comune*.

Elencamos as redes matrimoniais de alguns dos sujeitos mais relevantes para o recorte proposto, que se articularam com friulanos de Frisanco instalados em Mar del Plata, Argentina. Em relação à emigração italiana, Gonçalves (2012, p. 39) destaca que “a região do Prata era o principal destino daqueles que se dirigiram à América (68% do total), seguida pelos Estados Unidos (16,5%) e Brasil (8,9%)”. A emigração direcionada para o Brasil tinha, entre outros propósitos, o branqueamento da população, que apresentava grande percentual de afrodescendentes (38%, em 1819). Esse não era, contudo, o caso específico da Argentina¹⁹, cuja população era 70% composta por brancos (FAUSTO; DEVOTO, 2004).

¹⁹ A intenção neste artigo não é aprofundar para questões da imigração na Argentina, pois estamos elaborando outros trabalhos que remetem a tais análises mais aprofundadas.

Além do povoamento e da defesa de fronteiras, no caso argentino, o objetivo vinha acompanhado de questões voltadas à colonização com base nas “virtudes” dos imigrantes camponeses europeus que poderiam ser incorporadas ao restante da população (DEVOTO, 2009). Mesmo tendo iniciado em momentos diferentes, com objetivos um pouco distintos, a imigração italiana para Argentina e Brasil fez com que em números absolutos ambas fossem as maiores receptoras de italianos na América Latina.

Conectando os friulanos entre Brasil e especificamente Mar de Plata, Grossutti ressalta que:

Na Argentina, a comunidade de *frisanchini* se concentra praticamente em Mar del Plata, na província de Buenos Aires. As preferências por Mar del Plata não são claras. Apesar de que os núcleos mais consistentes chegam nos primeiros cinquenta anos do nosso século [século XX], já em 1887 se transfere para a cidade atlântica Giacomo Rosa Donati, de Casasola. Nascido em 1855, que primeiramente havia emigrado para Alemanha, Romênia e França de onde, em 1885, embarcou para a Argentina (GROSSUTTI, 1995, p. 284, tradução nossa).

Antes de migrar para Mar del Plata, Giacomo Rosa Donati exerceu o ofício de pedreiro/construtor nas reestruturações da casa do governo argentino em Buenos Aires (Barili, 1995 *apud* GROSSUTTI, 1995). Tendo por base vínculos parentais e relações de compadrios, as redes expandem-se, bem como se transformam em tramas familiares transnacionais. A família Rosa Donati volta a surgir em nosso estudo, indicando o entrelaçamento entre os imigrantes de Monte Belo do Sul com aqueles analisados por Grossutti (1995).

Tomando como fio condutor as escolhas de grupos de famílias e seguindo seus percursos, na presente pesquisa o transnacional é entendido como processo em que o migrante constrói um campo social de interação e conexão que ultrapassa fronteiras nacionais, como aquela do seu país de origem a outros em que se fixa (AMBROSINI, 2009). Retomando o núcleo, parte do grupo, inicialmente fixado em Monte Belo do Sul, já no início das primeiras décadas de 1900, reforçava os vínculos com outras famílias de origem friulana que se encontravam em Mar del Plata, ou seja, em parte costeira do território argentino. Os deslocamentos do Rio Grande do Sul em direção ao litoral da Argentina, proporcionado através de suporte de rede parental, era composto principalmente por funileiros/ferreiros, que recebiam informações sobre oportunidades de trabalho no setor.

Núcleos familiares em Mar del Plata/Argentina

Para a inicial compreensão sobre os núcleos familiares na Argentina, é necessário retomar dois casais das famílias *Filippon e De Cecco*, que se uniram em laços matrimoniais ainda em Frisanco, e que emigraram com rede parental para o Rio Grande do Sul, e, posteriormente para Mar del Plata na Argentina. Da prole do casal de imigrantes friulanos *Domenico Filippon e Catterina Franceschina* (Quadro 1), interessamos a constituição familiar do filho: *Davide Filippon*. Essa permite entender quais laços existiam entre os friulanos antes da emigração para o Brasil, bem como o reforço deles no além-mar.

Observa-se que o casal - *Davide Filippon e Anna Maria Filippi Tomè* - contraíram núpcias em Frisanco, na data de 18 de fevereiro de 1883, partindo com toda a família, pais e irmãos, para o Brasil. Geraram cinco filhos, sendo que destes analisaremos as estruturas familiares das filhas, *Carlota e Maria*, para assim compreender os laços parentais que aproximou os friulanos do Rio Grande do Sul e da Argentina. A prole do casal - *Davide Filippon e Anna Maria Filippi Tomè* - entrelaça-se em novos matrimônios entre primos, através da união com os filhos de *Davide De Cecco e Lucia Filippi Tomè*²⁰. Portanto, as matriarcas, *Anna Maria Filippi Tomè e Lucia Filippi Tomè*, eram irmãs. O último casal teve mais filhos que se conectaram com a família Tramontina²¹.

²⁰ Não iremos arrolar sobre a genealogia deste casal, pois iria confundir o leitor, uma vez que da mesma forma que o primeiro casal, apresenta prole conectada com matrimônios entre primos e demais friulanos. Portanto, um artigo é espaço delimitado para maiores explicações em outras árvores endogâmicas e consanguíneas. Ver MARINA (2022).

²¹ Dois filhos do casal: Davide De Cecco e Lucia Filippi Tomè, contraíram matrimônio com a família Tramontina- Luiz De Cecco com Itália Tramontina e Elisa De Cecco com Valentin Tramontina-

No Quadro 2 abaixo, observa-se a prole de: *Angelo De Cecco e Carlota Filippin*, com suas redes de compadrios na Argentina.

Quadro 2. Prole do casal Angelo De Cecco e Carlota Filippin.

Filhos	Nascimento	Padrinhos de batismo	Local
Erminda Lucia*	09/04/1909	Humberto Filippin e Lucia Magnan	Mar del Plata, AR
Alfonso David	28/01/1911	Oswaldo Rosa Donati e Vicenta Rosa Cesca	Mar del Plata, AR
Hugo	28/03/1913	Luiz De Cecco e Itália Tramontina	Mar del Plata, AR
Rinaldo Arturo	17/04/1918	Arturo Del Bianco e Adalgisa Vascelo	Mar del Plata, AR
Delia Maria	14/01/1921	Caytano Niglia e Victoria Rosa Cesca	Mar del Plata, AR

* Foi localizado o registro de matrimônio de Erminda Lucia De Cecco. Ela se casou com Pascoal Angeli, de descendência friulana, em 09 de maio de 1934, em Mar del Plata.

Legenda: AR - Argentina.

Fonte: Parroquia de San Pedro; Parroquia de Santa Cecilia²².

Dos padrinhos de batismo, apenas os que possuem os sobrenomes Vascelo e Niglia não são ligados ao Friuli. Já os sobrenomes Cesca e Del Bianco são encontrados em diferentes locais do Friuli, enquanto Rosa em Frisanco e Maniago. Isso indica o estabelecimento de vínculos com conterrâneos que haviam emigrado de um mesmo local da península itálica, mas para partes distintas na América Latina.

Quadro 3. filhos de Felice De Cecco e Maria Filippin.

Filhos	Nascimento	Padrinhos de batismo	Local
Ana	30/07/1910	Antonio Dreon e Itália Di Bernardo	Mar del Plata, AR
David Jordano	21/11/1912	Arturo Del Bianco e Adalgisa Vascelo	Mar del Plata, AR
Rita Elma	08/01/1918	Enrique Beltran e Paulina Beltran	Mar del Plata, AR
Maria Elsa	22/12/1920	Santo Dreon e Marina Dreon	Mar del Plata, AR

Legenda: AR - Argentina.

Fonte: Parroquia Mar del Plata; Parroquia de Santa Cecilia²³.

²² Disponível em: <https://www.familysearch.org/>. Acesso em: 18 jan. 2021.

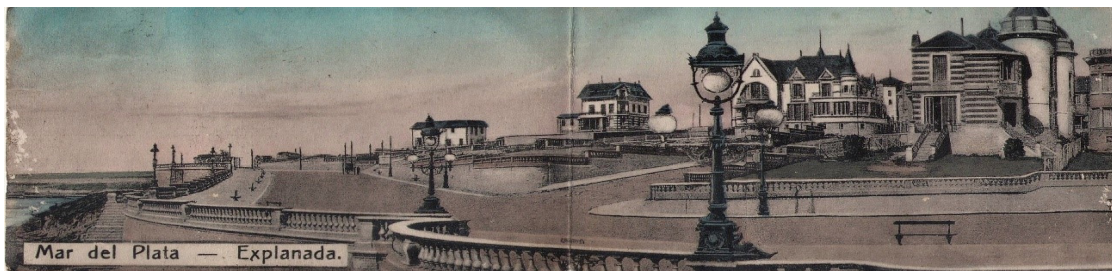
²³ Disponível em: <https://www.familysearch.org/>. Acesso em: 18 jan. 2021.

Novamente é possível verificar o sobrenome Vascelo entre os compadrios de um dos filhos do casal. Embora não haja ligação direta desse sobrenome com o Friuli, provavelmente Adalgisa Vascelo era casada com Arturo Del Bianco, cuja origem era friulana. A única ocorrência do sobrenome Beltran (o correto seria Beltrame²⁴) foi a verificada no Quadro 3, sendo o mesmo bastante comum em localidades friulanas. São evidentes as redes entre famílias em que os laços iniciaram em Frisanco, prosseguindo, portanto, no Brasil através dos vínculos instituídos por meio dos compadrios e matrimônios com conterrâneos que viviam em território brasileiro e argentino. A circulação de cartas entre friulanos, que haviam emigrado do Friuli, para países diferentes da América do Sul reforçava as redes e garantia o estabelecimento de novos deslocamentos.

Há registros em arquivos familiares da comunicação entre Mar del Plata e Monte Belo do Sul até 1976. Conforme informações de fontes orais, o contato se manteve com parentes que se encontravam em território argentino, bem como os instalados na Filadélfia, EUA. Como a Argentina, a Filadélfia é outro local onde se fixaram os friulanos. Segundo Javier Grossuti, após a Segunda Guerra Mundial, os imigrantes italianos que chegam aos Estados Unidos preferiam se fixar nas grandes cidades, como Nova York, ou em comunidades como Chestnut Hill, ao norte da Filadélfia. Nesse sentido, as redes migratórias iniciadas por friulanos nos séculos XIX e XX ainda demonstravam sua eficácia e seu potencial (GROSSUTTI, 2013, p. 22). A preferência pela Filadélfia como destino, somada ao relato de que houve troca de correspondências do núcleo familiar norte-americano com o de Monte Belo do Sul, reforça o papel das redes e vínculos entre os friulanos em nações distintas.

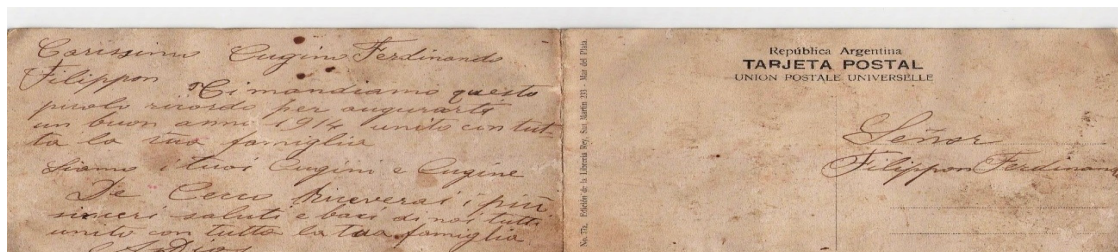
Nas figuras abaixo, 1 e 2, é possível visualizar um cartão postal enviado da Argentina para a família Filippon instalada em Monte Belo do Sul. Na parte frontal do cartão ilustra a cidade de Mar del Plata.

Figura 1. Cartão postal de Mar del Plata (frente) (1914)



Fonte: arquivo pessoal de Adelar Filippon.

Figura 2. Cartão postal de Mar del Plata (verso) (1914)



Fonte: Arquivo pessoal de Adelar Filippon.

No verso do cartão, a família De Cecco, que vivia em Mar del Prata, envia saudações à família do primo Ferdinando Filippon, que se encontrava em Monte Belo do Sul. O idioma utilizado no cartão postal de 1914 é o italiano, conforme pode-se constatar. Porém, posteriormente, as cartas remetidas aos parentes no Brasil são em espanhol, uma vez que quem escreve as correspondências são as filhas de Felice

²⁴ Chegou-se a tal informação através do entrecruzamento de fontes de cunho civil e religioso.

De Cecco, que passam informações sobre a saúde do pai. Assim, afirmam: “*Mi papa con sus jóvenes 90 años se siente muy bien y nosotros que estamos en su alrededor estamos muy contentos agradeciéndole a Dios todos los días que pasa. Mar del Plata, 20/12/1973*”²⁵.

A comunicação entre as famílias friulanas averiguadas prosseguiu por quase um século. Como já destacado, é provável que o contato através das correspondências tenha sido mais intensa entre os que se encontravam no Rio Grande do Sul e em Mar del Plata, nas primeiras décadas do século XX, diminuindo a frequência com o passar do tempo.

Considerações Finais

Após a instalação dos núcleos familiares nas linhas coloniais na região nordeste do Rio Grande do Sul, onde se encontra a atual Monte Belo do Sul, observaram-se os matrimônios entre imigrantes que provinham do Friuli. Os casamentos, em sua maioria, se davam entre pessoas aparentadas, mantendo, assim, uma prática que já existia nas áreas montanhosas friulanas de origem. As primeiras gerações nascidas no Brasil entrelaçaram-se a outros descendentes de friulanos não apenas por via matrimonial, mas também por redes de compadrios. Os vínculos foram reforçados e se estenderam através das redes para além de Monte Belo do Sul, chegando até a região costeira da Argentina. Nesse último lugar, foi onde mais a comunidade *frisanchina* se concentrou, embora analisando as fontes argentinas, não haja explicação precisa para esse reagrupamento.

Por meio das análises realizadas para o caso do Rio Grande do Sul, a explicação para esse reagrupamento encontra força no âmbito profissional. O deslocamento do Brasil meridional para o território argentino ocorreu devido a informações recebidas de que havia mercado de trabalho para ferreiros/funileiros. Era a troca de informações e o contato mantido entre famílias aparentadas friulanas que viabilizava os novos deslocamentos e o reforço dos vínculos através de redes matrimoniais e de compadrios.

Defendemos, portanto, que: 1) a emigração foi planejada, articulada e organizada não só na partida em grupo de lugares pontuais da região do Friuli Venezia Giulia, especificamente do território pertencente ao Friuli Ocidental, mas também na compra de lotes vizinhos no local de destino; 2) a comunicação entre os imigrantes se estendeu por décadas, inclusive entre as gerações nascidas no Brasil e na Argentina, promovendo, assim, um novo movimento de famílias aparentadas para esse último país; 3) especificamente, analisou-se a migração para Mar del Plata, onde mais se concentraram as famílias originárias de Frisanco na Argentina; e 4) neste último lugar, os migrantes deram continuidade à prática da endogamia e da consanguinidade entre famílias que se mantinham como artesãos, apesar de serem camponeses por tradição.

No presente artigo tentou-se explicar como grupos provenientes de lugares específicos do Friuli mantiveram as práticas laborais que desenvolviam nas aldeias de origem. Oriundos de regiões montanhosas, fronteiriças e marcadas por deslocamentos sazonais, tomaram o caminho da imigração transatlântica e se fixaram na colônia Dona Isabel – na atual Monte Belo do Sul – nas últimas décadas do século XIX. Os núcleos familiares aqui mencionados, tanto nos locais de partida quanto nos de chegada, dedicaram-se a atividades artesanais, com saberes ligados à ferraria e funilaria acompanhando os imigrantes friulanos no Rio Grande do Sul e para os novos locais como Mar del Plata, na Argentina. Buscou-se, portanto, demonstrar como as redes de imigrantes e descendentes se estruturaram e prolongaram os contatos entre Itália e países da América do Sul.

²⁵ Meu pai, com seus jovens 90 anos, sente-se muito bem, e nós que estamos ao seu redor estamos muito felizes, agradecendo a Deus a cada dia que passa. Mar del Plata, 20/12/1973.

Fontes Primárias

Arquivo Pessoal de Adelar Filippin:

- Cartão Postal de Mar del Plata, enviado pela família De Cecco para os parentes da família Filippin residentes no Brasil.

Arquivo familysearch.org - <https://www.familysearch.org/pt/>

- Parroquia de San Pedro; Parroquia de Santa Cecilia; referente as informações sobre os registros batismais da Argentina.
- Parroquia Mar del Plata; Parroquia de Santa Cecilia; referente as informações sobre os registros batismais da Argentina.

Archivio di Stato di Udine - <https://archiviodistatoudine.beniculturali.it/>

Registros civis do cartório de Monte Belo do Sul - cartoriomontebelo@hotmail.com

Referências

ALVIM Zuleika Brava gente! **Os italianos em São Paulo: 1870-1920**. 2ª ed., 1986 São Paulo, Brasiliense.

AMBROSINI, Maurizio. **Intraprendere Fraduemonti**. Bologna: Società Editrice il Mulino, 2009.

BALBINOT, Giovani. **Desenvolvimento econômico do município de Guaporé: a agroindústria da banha e do couro (1892-1980)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2014.

BASSANEZI, Maria Sílvia Casagrande Beozzo. Nascimento, vida e morte na fazenda: alguns aspectos do cotidiano do imigrante italiano e de seus italianos. In: DE BONI, Luís Alberto (org.). **A presença italiana**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p. 337-356.

BALHANA, Altiva Pilatti. La démographie historique à l'Université du Paraná, Brésil, In: **Annales de Démographie Historique**, 1986, p. 393-406.

BUOSI, Benito; NICOLETTI, Gianpier. **Un Paese all'Estero**. L'emigrazione da Volpago tra 1870 e 1970. Montebelluna: Poligrafica Montebellunese, 1999.

DE RUGGIERO, Antonio. **Settùvoivienire ora è il tempo: l'emigrazione toscana in Brasile (1875-1914)**. Pisa: Pacini, 2020. v. 1.

DEVOTO, Fernando. **Historia de La inmigración en la Argentina**. 3. ed. Buenos Aires: Sudamerica, 2009.

FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando. **Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)**. São Paulo: Editora 34, 2004

FORNASIN, Alessio. Determinants of territorial Exogamy in Friuli (north-east Italy) in the second half of the nineteenth century. **Journal of Biosocial Science**, Cambridge University Press, Cambridge, v. 43, n. 4, p. 453-467, 2011.

FRANZINA, Emilio. Dopo il '76. Una regione all'estero in Il Veneto: Storia d'Italia. In: LANARO, Silvo (a cura di). **Le regione dall'Unità a oggi**. Torino: Einaudi, 1984. p. 469-575.

FRANZINA, Emilio. **A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil**. Campinas: Unicamp, 2006.

GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. "O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico". In: GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL; Bertrand Brasil, 1991, p. 169-178.

GIRON, Loraine Slomp. A imigração italiana no RS: fatores determinantes. In: DACANAL, José; GONZAGA, Sergius (org.). **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 47-67.

GONÇALVES, Paulo César. **Mercadores de braços: riqueza e acumulação na organização da emigração europeia para o Novo Mundo**. São Paulo: Palameda, 2012.

GROSSUTTI, Javier. La comunità di Frisanco all'estereo, traccia per un'anagrafe. In: CANTARUTTI, Novella (a cura di). **Commun di Frisanco**. Frisanco-Poffabro-Casasola, Comune di Frisanco, Maniago: [s. n.], 1995. p. 227-294.

GROSSUTTI, Javier. L'emigrazione dal Friuli Venezia Giulia negli Stati Uniti. **Archivio Multimediale della Memoria dell'Emigrazione Regionale**, 2013. p. 1-22. Disponível em: <http://www.ammer-fvg.org>. Acesso em: 15 fev. 2019.

GROSSUTTI, Javier. **L'emigrazione nel Friuli Occidentale**: guida alla sezione museale "Lavoro ed emigrazione" di Cavasso Nuovo. Friuli Venezia Giulia: Olmis, 2018.

MACDONALD, John; MACDONALD, Leatrice. Chain migration, ethnic neighborhood formation and social networks. **The Milbank Memorial Fund Quarterly**, [s. n.], v. XLII, n. 1, p. 82-96, 1964.

MARINA, Marinilse Candida. **Marito e buoi dei paesituoi**: estratégias familiares de friulanos na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul (1880-1964). Editora Schreiber, 2022.

RABINO-MASSA, E., Prost, M. & Boëtsch, G. **Social structure and consanguinity in a French mountain population (1550–1849)**. *Human Biology* 77, 201–212, 2005.

RAZADOR, Leonir. **Povoadores e História de Monte Belo do Sul**: de Zamith a Monte Belo do Sul. 2. ed. Porto Alegre: EST Edições, 2019.

RÜCKERT, Fabiano Quadros. A colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul: uma abordagem na perspectiva da História comparada. **Revista brasileira de História & Ciências Sociais**, Santa Vitória do Palmar, v. 5, n. 10, p. 1-23, dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10541>. Acesso em: 22 jan. 2020.

TILLY, Charles. Migration in Modern European History. In: MCNEILL, William; ADAMS, Ruth (org.). **Human migration, patterns and policies**. Cambridge: Indiana University Press, 1978. p. 48-72.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.

TRUZZI, Oswaldo (org.). **Migrações internacionais no interior paulista**. São Paulo: EdUFSCar, 2021.

VANGELISTA, Chiara. **Os braços da lavoura: imigrantes e "caipiras" na formação do mercado de trabalho paulista (1850-1930)**. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

VENDRAME, Maíra Ines. **Lá éramos servos, aqui somos senhores**: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins, 1877 – 1914. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007.

VENDRAME, Maíra Ines. **O poder na aldeia**: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre os camponeses italianos (Brasil-Itália). São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: ANPUH-RS, 2016.

VENDRAME, Maíra Ines. Com tinta do meu sangue: redes e mobilidades através das cartas de um imigrante italiano. *In*: BENEDUZI, Luis Fernando; DADALTO, Maria Cristina. **Mobilidade humana e circularidade de ideia**: diálogos entre a América Latina e a Europa. Veneza: Ca' Foscari, 2017a. (Diaspore, Quadernidircerca 7). p. 67-78.

WALL; R. **Marriage, residence and occupational choices of senior and junior siblings in the English past**. *History of the Family* 1, 259–271, 1996.